

V!RUS

revista do nomads.usp
nomads.usp journal
ISSN 2175-974X
CC BY-NC

a cidade e os outros
the city and the others
SEM1 2013

QUANDO SE CAMINHA, O TEMPO PARA ENQUANTO O ESPAÇO VOA

MARTIN KOHLER

Martin Kohler é urbanista e fotógrafo. Estudou arquitetura da paisagem e planejamento ambiental na Universidade de Hanover e na Southern Australia University, Adelaide. Leciona fotografia urbana na HafenCity University Hamburg desde 2003. Foi fundador e curador de diversos projetos artísticos em espaços públicos, tais como HAFENSAFARI, e empregou fotografia como método de pesquisa em vários estudos urbanos. Martin Kohler vive em Hamburgo.

Como citar esse texto: KOHLER, M. QUANDO SE CAMINHA, O TEMPO PARA ENQUANTO O ESPAÇO VOA. **VIRUS**, São Carlos, n. 9 [online], 2013. Traduzido do Inglês por Fábio Abreu Queiroz. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/_virus09/secs/carpet/virus_09_carpet_45_pt.pdf>. [Acessado em: dd m ano].

Nota dos autores: percorrer uma transeção urbana traduz uma linha geográfica através da cidade em uma sequência de situações. Caminhei por algumas das maiores aglomerações urbanas do mundo, capturando momentos e situações da vida cotidiana. Cada uma dessas travessias levou entre três e cinco dias. Este texto é também uma passagem através de pensamentos e imagens girando em torno dessas caminhadas e, especialmente, daquela em que cruzei São Paulo, em Novembro de 2011.

"Se há uma coisa que desapareceu é a noção de um fluxo de tempo que avança inevitavelmente e irreversivelmente e que pode ser antevisto por pensadores mais astutos e perspicazes."¹

A prática de profissionais do planejamento urbano inclui análises e avaliações de mapas formais e representações geográficas equivalentes, tomadas do alto. Se uma vista aérea ou um plano de rua visualizam a

¹ Bruno Latour em seu discurso de aceitação do prêmio Cultural Prize da Munich University Society em 8 de Fevereiro de 2010.

cidade como um lugar abstrato, as experiências de seus residentes e visitantes são, ao contrário, entendidas como lugares antropológicos, similares aos elementos da cidade de Kevin Lynch (LYNCH, 1960) ou ao arquipélago e conexões de Bernardo Secchi (VALVA, 2012). A presença física na análise e na documentação topográfica teve um importante papel nos trabalhos de Jane Jacobs, em seu trabalho seminal sobre a vida em ruas americanas (JACOBS, 1961), ou para Kevin Lynch, que utilizou entrevistas para obter dados empíricos que levaram ao seu conceito de mapas mentais e imageabilidade de cidades (LYNCH, 1960).

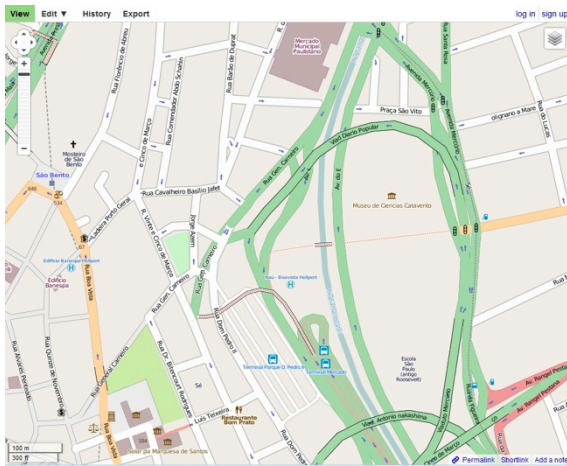


Figura 1. Terminal Parque Dom Pedro II em São Paulo. Vista do mapa do Open Street Map.



Figura 2. Terminal Parque Dom Pedro II em São Paulo. Fotografias da área.

A cidade transforma-se e evolui continuamente em seus formatos e formas, práticas e significados. O que foi construído será usado. Será arruinado, transformado, e novos significados serão atribuídos aos vazios, enquanto lugares perdem o que vinham simbolizando por tanto tempo.

O planejamento gosta de contar a história das transformações urbanas por meio da fixação de determinados conceitos de planejamento urbano, de planos diretores e projetos de bairro. Planejar para o real significaria colocar em ordem, mentalmente, o caos das coisas e organizá-las como uma composição estável temporária, mas reconhecendo o fato de que essa composição irá desintegrar-se novamente num processo entrópico subsequente (SMITHSON, 1967). Ambiguidade e abertura desenvolvem-se a partir da perda gradual do que foram inicialmente categorias claras. O espaço urbano é o palimpsesto (CORBOZ, 1983) que está constantemente sendo reescrito como o sincronismo temporal de traços históricos.

Os sinais não mais correspondem a uma imagem. Eles se tornam símbolos aniquilados de significados passados. Esse amontoado confuso de símbolos desconexos é o ponto de partida para a nova criação, auto-determinada por uma variedade de grupos de usuários, de significância no espaço social através da fusão desses aspectos para criar novas ligações e distinções. Isso não é nada mais do que a territorialização e assimilação e, portanto, a aceitação de responsabilidade por essas partes da cidade.

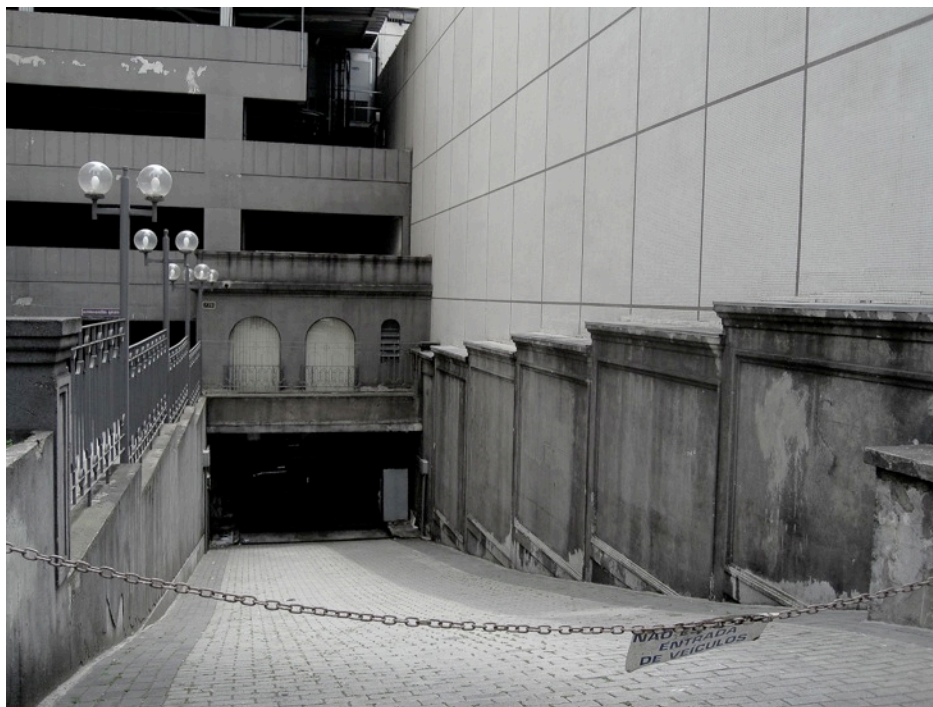


Figura 3. Avenida Paulista, 2011

“A Revolução Urbana” (LEFEBVRE, 1970) e a antecipada generalização de processos de urbanização capitalista através do estabelecimento de um tecido planetário ou rede de espaços urbanizados não é mais somente uma especulação do artista. A urbanização agora “veio à condição de todos os principais aspectos da existência social planetária e (...) ao destino da vida social humana”, como Neil Brenner e Roger Keil afirmam em sua discussão das últimas décadas de pesquisa humana e teoria das cidades globais (BRENNER, 2011). Esse mundo urbano contemporâneo revela novas formas de conectividade global, novos padrões de desconexão, periferização, exclusão e vulnerabilidade. Pesquisadores neo-marxistas como Lefebvre, David Harvey e Manuel Castells exploraram esses mundos como sujeitos a forças supranacionais ou globais, e liberaram uma abundância de novos métodos e discursos para observar o fluxo de urbanização como “um momento ativo dentro da contínua produção e transformação das configurações sócio-espaciais capitalistas” (BRENNER, 2011:602). O

conceito de cidade global (SASSEN, 1991; TAYLOR, 2004) focou nos estudos do papel de grandes cidades como centros financeiros globais ao longo de três trajetórias: a formação de uma hierarquia urbana global, a reestruturação contestada do espaço urbano, e a transformação do tecido social urbano assim se desenvolvendo para “uma fundamentalmente desconexa, embora profundamente autoritária, nova ordem mundial” que poderia bem conduzir à “novas possibilidades para uma radical ou progressiva mudança social” (BRENNER, 2011:607).

A busca por fantasias sobre cidades (de surpresa, velocidade, diversidade, verticalidade, inovação), desenvolvida no contexto das observações sobre certas cidades européia e americanas, tem sido transferida para as “desconexas” e “alienígenas” metrópoles do Sul, como Koolhaas afirma numa entrevista falando sobre Lagos. Elas têm persistido ao longo do último século de urbanização, desde Simmel até Park e Wirth, para inspirar análises contemporâneas da vida social, das políticas culturais e do dinamismo econômico de cidades. Sobretudo, elas têm influenciado profundamente o que pensamos como sendo uma cidade, o que se admite como cidadão (ROBINSON, 2004:570).



Figura 4. Descendo uma ladeira... Pirituba / São Paulo, 2011



Figura 5. Descendo uma ladeira... próximo a Maslak / Istanbul, 2013

“Os seres humanos se relacionam ao seu ambiente nas tarefas para se ganhar a vida” (INGOLD, 2000). Os movimentos e ações para “ganhar a vida” de bilhões de pessoas produzem espaços todos os dias de uma nova maneira, pela marcação de territórios em volta de lugares onde alguém se sinta “em casa”. A territorialização é entendida como “a criação de significado no espaço social através da forja de conexões e distinções codificadas” (BROWN; LUNT, 2002:17) em alguma forma de uniformidade ou consistência, tal como leis, símbolos, lemas ou conceitos. Processos de territorialização e desterritorialização remontam a idéias de Deleuze e Guattari (DELEUZE, 1987) e o que eles chamam de espaços lisos e estriados e aos processos ligados a isso. Os espaços lisos são os espaços infinitos, abertos, ilimitados, contrários aos espaços estriados, que são entendidos como determinados e limitados. Então, os espaços lisos não são determinados por significado, por reivindicações sociais ou políticas, eles são o potencial puro de possibilidades. Como uma tela em branco para se pintar.

O espaço liso constantemente se converte em espaço estriado e este se reverte novamente em espaço liso. O espaço estriado pode sempre se tornar espaço liso novamente. Espaços territorializados são o espaço estriado. Limitado em suas possibilidades, mas efetivo dentro dessas restrições. Entretanto, indivíduos e grupos podem, submetidos a uma crise, a uma total perturbação ou a mudanças sutis, deixar um conjunto territorial, se desprendendo do sistema pelo qual eles vinham sendo previamente controlados. Esse processo de desterritorialização é a desestabilização e remoção final dos códigos que conferem significados determinados. Um espaço aberto, ilimitado, virtual, surge – o espaço liso. Ou, como coloca Marc Augé, não-espaços sem memórias sobre o lugar se desenvolvem (AUGÉ, 1995). No limite, isso significa a cidade anárquica. O foco deleuze-guattariano na mudança, o invés do resultado da mudança, é o conceito de transformar-se.

O tecido urbano consiste em qualidades de ambos espaços ao mesmo tempo. A alteração contínua das qualidades do espaço e a habilidade para converter-se entre espaço liso e estriado. A cidade e todo espaço apenas existem graças ao viés descrito.



Figura 6. Rede entre espaço liso e estriado, estando em casa e ganhando a vida, todas de São Paulo

A ciência social tem sido acompanhada pela fotografia durante o último século, mas nunca realmente abarcou a fotografia como observações de mérito próprio. Pierre Bourdieu, que estudou a sociedade transicional de Berber, na Argélia, por volta de 1950, usou a fotografia extensivamente para documentar seu trabalho de campo e capturar detalhes que mesmo o pesquisador mais observador teria deixado escapar. Em 1935, o U.S. Farm Security Administration (Administração da Segurança Rural) empregou pela primeira vez uma equipe independente de fotógrafos em um estudo social-científico de grande escala para demonstrar visualmente o impacto do New Deal e para assistir aos cientistas sociais em suas pesquisas.

Fotografias sistematicamente compostas de ambientes de casas de fazenda, que foram analisadas pelo Farm Security Administration, serviram como modelo para listas de compilação e comparação de inventários de objetos domésticos. Informação em imagens é interpretada de forma inteiramente diferente do que em material escrito, e alguns detalhes (por exemplo composição, referências de cor) apenas podem ser inadequadamente reproduzidos, se possível, quando separados do documento fotográfico original.

Poucos estudos antropológicos usam a fotografia e a escrita como formas complementares de apresentação – como exemplificado em *Let us now*

praise famous men (1960) – ao invés de preferir um método ou outro. Esse livro, do jornalista James Agee, ressalta as vidas das famílias de três fazendeiros nos Estados Unidos em 1941, juntamente à igualmente mas não comentada contribuição do fotógrafo Walker Evans. *Through Navajo Eyes: An exploration in film communication and anthropology* (1972), o projeto de livro e filme do pintor, fotógrafo e cineasta Sol Worth e do antropologista John Adair, transcendeu o nível textual pela primeira vez. Em estudos e adaptações de diversos filmes que foram produzidos pelo Navajo para o projeto, os produtores exploram e apresentam seus entornos através de seus próprios olhos. Para Sol Worth, filme e fotografia eram uma forma de linguagem, comparável a escrita e ainda inteiramente diferente.



Figura 7a. São Paulo (apresentação de slides)

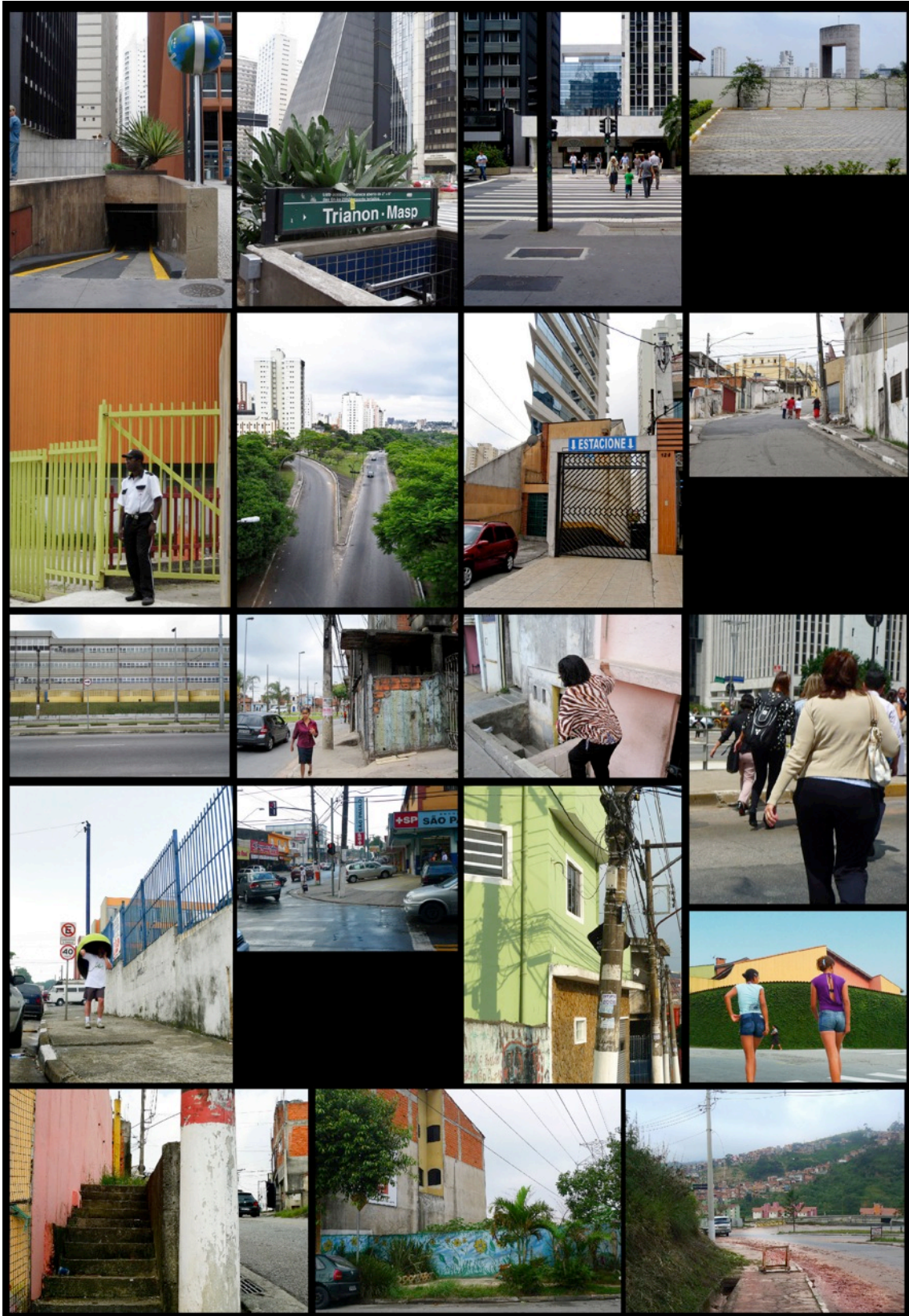


Figura 7b. São Paulo (continuação - apresentação de slides)

"A cidade é tridimensional. Os pedestres ou ciclistas interagem fisicamente com a topografia desigual da cidade. A experiência tátil, que é o conhecimento mais profundo da cidade, implica envolvimento corporal e condição física multimodais." (SASAKI, 1997:68)

Desde quando caminhar se tornou uma escolha mais do que uma necessidade ou incômodo, o ato de caminhar tornou-se um instrumento perceptivo estabelecido para compreender, analisar e criticar a cidade. O caminhante romântico atravessava o ambiente em um estado de espírito elevado para estar plenamente imerso num fenômeno estético, enquanto o *flâneur*, como descrito por Baudelaire, caminhava para experimentar a cidade a partir de uma perspectiva afastada e crítica. Conceitos de caminhada inspiraram projetos artísticos dos Situacionismo Internacional na década de 1960 (CARERI, 2005), o papel do *flâneur* na literatura, no "Arcades Project" (BENJAMIN; TIEDEMANN, 1999), e na arquitetura no "urbanismo a pé" de Secchi (PAQUOT, 1999; VALVA, 2012). A maior parte desses conceitos evocam e apreendem a cidade dinâmica, fragmentária e efêmera, e podem também ser encontrados em teorias antropológicas sobre linguagem e memória dos lugares (AUGÉ, 1995; CERTEAU, 1984), criação do lugar (PINK, 2008) ou em métodos de treinamento para pesquisadores e arquitetos (MASSCHELEIN, 2010).

Em seu texto "E-ducating the gaze" (2010), Masschelein pede por uma pedagogia despojada e explica os princípios de seus ensinamentos para que estudantes e estudiosos se tornem conscientes conhecedores das cidades pós-conflito. Baseadas em sua prática em ensino, suas reflexões sobre Walter Benjamin apresentam caminhadas como uma metodologia despojada que o julgamento e permite um olhar que pode transformar o observador, para expor o estudioso ao ambiente que ele quer observar. A pré-condição para tomar uma perspectiva crítica ou um olhar "para além de toda perspectiva" (MASSCHELEIN, 2010:46).

"Benjamin está se referindo à diferença entre a atividade em si, a diferença entre caminhar e voar, transcrevendo e lendo, como diferentes formas de relacionar-se com o mundo, relacionar-se com o presente, com o que é presente. Essa diferença é a diferença no poder, no efeito daquela atividade em nós mesmos e no que é revelado. Aquele que voa, diz Benjamin, apenas 'vê', mas aquele que anda pela estrada 'aprende a partir do domínio dela' (erfährt von ihrer Herrschaft)" (MASSCHELEIN, 2010:46).

Similar à principal reivindicação da *dérive* ou à deriva do Situacionismo Internacional (DEBORD, 1996), Masschelein também nega que caminhar tenha um objetivo. Caminhar sem objetivo, mesmo sem uma razão apropriada, ele explica, é a chave para tornar-se atento em vez de consciente. Andar pela estrada trás o caminhante à um estado de espírito que esgota o julgamento e a classificação por meio da “transcrição da cidade” com seus pés em seu movimento a longo prazo, exposto a o que ele vê. “Esse é um estado de espírito que se abre para o mundo, de uma forma que o mundo pode se apresentar a mim (que eu posso ‘chegar’ a ver) e eu posso ser transformado.” (MASSCHELEIN, 2010:45).

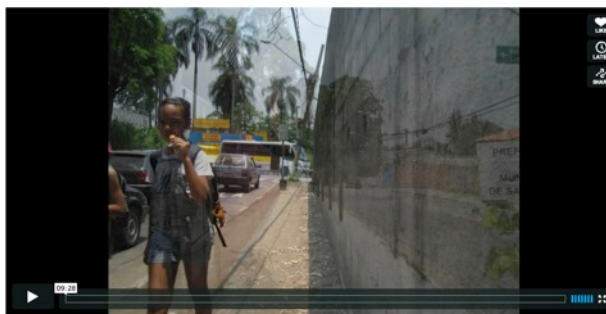


Figura 8. Transecção Urbana São Paulo (*stop-animation*). Disponível em: <http://vimeo.com/36091849>



Figura 9. Transecção Urbana Londres (*stop-animation*). Disponível em: <http://vimeo.com/40185892>

“A realidade é tão abundante que alguém simplesmente precisa alcançar e extrair algo de uma forma simplificada e interpretativa”, diz Henry Cartier-Bresson, e a dificuldade está em escolher o objeto certo. Hans-Ulrich Obrist disse uma vez, sobre o fotógrafo Thomas Struth, que é fascinante ver as imagens que ele encontra.

Encontrar imagens em tal abundância – cada situação é cheia de figuras possíveis e cada fotógrafo tem uma habilidade única para identificar certas imagens nela; enxergar imagens que outros não vêem e capturá-las em fotografias – é uma habilidade que o distingue dos outros.

Quanto melhor o fotógrafo, mais característico é seu “olho perspectivo” que se torna a marca registrada única refletida em seus trabalhos.

Em um cenário extremo, as imagens de um fotógrafo representam a realidade de uma dada situação que apenas ele pode produzir. Em “*The Nature of Photographs*” (1998), Stephen Shore explica o processo de seleção em fotografia. Para complementar sua idéia, eu gostaria de apresentar as visões media-filosóficas de Vilém Flusser sobre o sujeito.

Stephen Shore (fotógrafo estadunidense, *1947) baseou sua teoria numa discussão entre a pintura e a fotografia. O pintor compõe uma figura, enquanto o fotógrafo seleciona uma. Cada situação é uma infundável fonte de fotografias não realizadas. Ao escolher as configurações e o ângulo da câmera, uma dessas imagens é realizada. No contexto da análise de documentos fotográficos, Shore distingue quatro aspectos: físico (tipo de papel, formato e tamanho), relacionado à imagem (enquadramento, profundidade, tempo, foco), mental (sujeito, visual, símbolos, classificação) e o aspecto imaginativo. Os fatores mais importantes em termos de seleção são aspectos relacionados à imagem, tal como enquadramento, a relevância das bordas da imagem, iluminação, exposição e tempo quanto a figura é tomada, foco e profundidade retratados na imagem. Para o conteúdo da imagem, o aspecto imaginativo é importante pois ele permite “entrar na figura” quando alguém a observa. Shore se refere a isso como “deixar os olhos vaguearem” através do conteúdo retratado na imagem. Quanto mais demorar esse processo, mais intenso o “aprofundamento mental” se torna.

O aprofundamento mental foi um dos critérios de seleção para os fotógrafos incluídos nesse volume. O teórico Vilém Flusser argumenta de uma forma semelhante em seu ensaio *“Photography as a general attitude toward life”* (FLUSSER, 1989), e explica como imagens são produzidas. Como Shore, Flusser toma a câmera como uma infinita massa de imagens, assim como o fotógrafo e também os fótons que, por fim, tornam a imagem visível em qualquer media. Juntos, esses três componentes representam a possibilidade realizada.

A imagem é o resultado da coordenação desses três componentes. Imagens não são produzidas mas resultam de uma interação específica entre o fotógrafo, a câmera e os fótons. O “programa fotográfico” produz uma imagem na qual o fotógrafo experimenta a si mesmo. Como um resultado dessa oportunidade realizada, o número de imagens que ele é capaz de produzir muda.



Figura 10. Encontrando uma passagem através de São Paulo

Ao caminhar “sob o domínio da estrada” (MASSCHELEIN, 2010) e experimentar a si mesmo tirando fotografias, como Flusser explica, o caminhante fotógrafo fica sintonizado às especificidades dos espaços urbanos encontrados. Isso significa uma exploração empática das territorialidades e temporalidades fragmentadas “onde as pessoas estão em casa” no fluxo da urbanização.

“Cada movimento (...) é um momento intempestivo redistribuindo o que foi antes, enquanto torna acessível o que pode ainda ser” (DELEUZE, 1987).

Referências

AGEE, J. ***Let Us Now Praise Famous Men; Three Tenant Families.*** Boston: Houghton Mifflin, 1960.

AUGÉ, M. ***Non-places: introduction to an anthropology of supermodernity.*** London; New York: Verso, 1995.

BENJAMIN, W., and TIEDEMANN, R. ***The arcades project.*** Cambridge, Mass.: Belknap Press, 1999.

- BRENNER, N. ***From Global Cities to Globalized Urbanization***. Pp. 599–608 in *City Reader*. Taylor & Francis, 2011.
- BROWN, S, D., and LUNT, P. ***A Genealogy of the Social Identity Tradition: Deleuze and Guattari and Social Psychology***. *British Journal of Social Psychology* 41(1):1–23, 2002.
- CARERI, F. ***Land & Scape: Walkscapes - Walking as an Aesthetic Practice***. J. M. Bosch, 2005.
- CERTEAU, M. de. ***The Practice of Everyday Life***. Berkeley: University of California Press, 1984.
- CORBOZ, A. ***The Land as Palimpsest***. *Diogenes Diogenes* 31(121):12–34, 1983.
- DELEUZE, G. ***A Thousand Plateaus: Capitalism and Schizophrenia***. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1987.
- FLUSSER, V. ***Fotografieren als Lebenseinstellung***. Pp. 84–89 in *Theorie der Fotografie: 1839-1995*. Schirmer /Mosel Verlag Gm, 1989.
- INGOLD, T. ***The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill***. Routledge, 2000.
- JACOBS, J. ***The Death and Life of Great American Cities***. New York: Random House, 1961.
- LEFEBVRE, H. ***La révolution urbaine***. Gallimard, 1970.
- LYNCH, K. ***The Image of the City***. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1960.
- MASSCHELEIN, J. ***E-ducing the Gaze: The Idea of a Poor Pedagogy***. *Ethics and Education* 5(1):43–53, 2010.
- PAQUOT, T. Bernardo Secchi. *Urbanisme*, 1999.
- PINK, S. ***An Urban Tour The Sensory Sociality of Ethnographic Place-making***. *Ethnography* 9(2):175–96, 2008.
- ROBINSON, J. ***A World of Cities***. *The British Journal of Sociology* 55(4):569–78, 2004.
- SASAKI, K. ***For Whom Is City Life? Tactility Vs. Visibility***. Pp. 53–70 in *City life: essays on urban culture*. Maastricht; Amsterdam: Jan van Eyck Akademie ; de Balie : Distribution, Idea Books, 1997.

SASSEN, S. ***The Global City: New York, London, Tokyo.*** [5. Dr.]. Princeton, NJ [u.a.]: Princeton Univ. Press, 1991.

SHORE, S. ***The Nature of Photographs.*** Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1998.

SMITHSON, R. ***The Monuments of Passaic.*** *Artforum International* 6(4):48–51, 1967.

TAYLOR, P. J. ***World City Network: A Global Urban Analysis.*** Routledge, 2004.

VALVA, M. D. ***Lessons from the Italian Urban Planning: The Bernardo Secchi`s Continuous Scale Crossing Over.*** Sao Paulo, 2012.

WORTH, S. and ADAIR, J. ***Through Navajo Eyes; an Exploration in Film Communication and Anthropology.*** Bloomington: Indiana University Press, 1972.